

co na natureza e por trás da natureza. É essa idéia que permeia o fundo de minha mente quando estudo os detalhes específicos, que agora assumem duplo significado. O que está à mão é ao mesmo tempo ele mesmo e algo além, por ele expresso.

Estatísticas sobre o diâmetro do Sol, a massa do próton, o precipitado em meu tubo de ensaio, o sistema nervoso da *Rana catesbiana* (a rã que estamos dissecando) já não provocam um dar de ombros seguido de um “e daí?”. O mesmo se aplica, é claro, a meus colegas, muitos deles em início de carreira, na medicina ou na ciência. Ainda assim, noto uma diferença: para mim, os detalhes científicos assumem significação metacientífica; eles se entusiasmam com outra realidade.

Apreendo essa lição por meio de uma imagem particular, que domina vigorosamente minha nova atitude. Para demonstrar a lei da gravidade de Newton — um corpo livre é atraído para a Terra com velocidade sempre crescente, ou seja, a lei da queda dos corpos —, realizamos uma experiência em nosso laboratório de física que registra a posição do corpo com pequenos pontos numa tira de papel. O objetivo da experiência é demonstrar que tais pontos vão se afastando cada vez mais uns dos outros à medida que o corpo se aproxima do chão. Milhões de estudantes já realizaram essa experiência, mas, para mim, ela assume o significado de um ato religioso. Não consigo atirar fora o pedaço de papel, como os colegas costumam fazer ao final da aula, porque vejo nele a assinatura da natureza, uma de suas incontáveis mensagens. Ocorre o mesmo com outras experiências: elas assumem um significado que ultrapassa o meramente empírico.

Esse episódio, e outros semelhantes, convenceram-me de que o místico pode dar sua contribuição à ciência, a saber, a percepção de que a natureza não é uma simples coleção de dados sensoriais, mas uma realidade única cuja grandiosidade e beleza podem ser experimentadas em múltiplos níveis. É provável que inúmeros cientistas tenham sentido isso, mas apenas uns poucos — Einstein e os “cientistas místicos” — exprimiram-no publicamente.

Apresentei uma definição de ciência, mas não, até agora, uma de misticismo. Em termos simples, misticismo é a experiência da unidade com a realidade. Refletindo em sua essência, percebo a ciência e o misticismo como duas abordagens da natureza. Sua história lembra a proverbial dança de Siva, com sua associação e dissociação da energia. A ciência não

brotou apenas do lado utilitarista do homem — a necessidade de cartas geográficas para a navegação e a agricultura —, mas da curiosidade, da urgência humana em conhecer. No princípio, havia o assombro e a reverência, que inspiraram a busca de onde nasceram a ciência e a religião. Originalmente, eram uma só coisa, não perturbadas pela moderna separação que as quer distintas e cercadas por fronteiras intransponíveis. Graças a essa separação, o assombro transformou-se em ciência e a reverência, em misticismo.

Ao longo de boa parte de sua história, a ciência parece ter sido guiada pela máxima “Deus está no pormenor”, o misticismo pela asserção “Deus é o círculo cujo centro está em toda parte e cuja circunferência não está em parte alguma”. Hoje, a ciência busca os limites da natureza, o misticismo, sua infinitude; uma, a gotícula do oceano, o outro, a onda. A ciência quer explicar o mistério do ser, o misticismo quer experimentá-lo. Compartilham a busca da realidade porque, à sua maneira, tanto a ciência como o misticismo perseguem a verdade fundamental acerca da matéria e da origem da matéria.

A questão da origem, embora crucial para os místicos, foi marginalizada ou eliminada pela ortodoxia científica. Entretanto, é ela a que mais me interessa. Fui atraída pela ciência porque ela procura compreender os fenômenos da natureza em todos os seus pormenores e unificá-los numa única equação abrangente. A tendência à unificação é mais um liame entre os objetivos da ciência e do misticismo. Eis o que me atrai em ambos. A unificação, pelo menos na teoria, é o alvo do cientista, corporificado na procura de leis simples e elegantes. Mas não tardei a descobrir que existem duas espécies de cientistas. Para muitos, a procura de leis coerentes cessa na equação; mas, para os mais representativos, apenas a equação não basta para satisfazer a perplexidade do cientista. São estes que me atraem.

Para essas raras mentes, as equações simplesmente atormentam e apontam para algo além: a realidade expressa pela matemática, que esses cientistas procuram. Assim, para homens como Kepler, Galileu, Newton, Schroedinger, De Broglie, Planck, Einstein, Eddington, Jeans, Heisenberg, Bohm e outros, as equações não passam de uma palavra de código, um disfarce para a ansia de desvendar a fonte por trás da equação. Talvez tenha sido isso que Pitágoras teve em mente ao afirmar que “Deus é o grande geômetra”, e Galileu quando disse que “O livro da natureza foi escrito em caracteres